

# VISÃO SOBRE A METÁTESE: DA AQUISIÇÃO À LINGUAGEM ADULTA

Maria José Araújo<sup>(\*)</sup>

(mjaraujopresent@gmail.com)

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO. No sentido de contribuir para uma visão sobre a metátese em Português, este trabalho pretende traçar as linhas gerais que a contextualizam, passando pela aquisição da linguagem e pelo sistema de diacronia da língua, a fim de compreender a sua motivação e caracterização específicas.

PALAVRAS-CHAVE. Metátese. Conhecimento fonológico implícito e explícito. Aquisição da linguagem. Diacronia da língua.

ABSTRACT. This paper aims to point out the framework of the metathesis in Portuguese, contributing to an overview from the acquisition of language and the diachronic system of language in order to understand its specific motivation and characterization.

KEY-WORDS. Metathesis. Implicit and explicit phonological knowledge. Acquisition of language. Diachronics of language.

## 1 - Introdução

“(…) Suponhamos que tínhamos em mente dizer *prato branco, vinho tinto*, etc.; na precipitação com que falamos, acontece que aquelas frases se transformam instintivamente em *brato pranco, tinbo vinto*, etc.: quer dizer, os órgãos fonadores receberam determinada quantidade de fôrça, que os pôs em acção; como houve descoordenação no centro fono-motor, êles, sem deixarem de empregar toda essa fôrça, decompuseram-na de diferente modo, - pois há tantos sons em *vinho tinto* como em *tinbo vinto*.”

(Vasconcellos 1886: 69-70)<sup>1</sup>

A metátese tem vindo a ser alvo de pesquisas que contestam o seu carácter aleatório e irregular, bem como a sua conotação tradicional exclusivamente imputada a uma fraca performance linguística.

---

(\*) Ex-estudante do Curso de Mestrado em Linguística (FLUP).

<sup>1</sup>Hipótese formulada por Leite de Vasconcellos ilustrando o *automatismo da linguagem*, cf., *Diacronia da metátese no Português*, no ponto 6 deste trabalho.

Os neogramáticos e estruturalistas consideraram a metátese como fenómeno marginal, precisamente porque parecia contradizer as doutrinas padrão que separam a fonética da fonologia, cf. Blevins & Garrett (2004: 3) que salientam o carácter similar dos resultados desses estudos com os de Grammont (1923), para quem a metátese de CC (consoante, consoante) surge a fim de evitar grupos impronunciáveis.

De acordo com Grammont, referido pelos autores, a metátese é governada fonotaticamente, sendo que consoantes menos sonoras são sempre colocadas mais próximas de uma fronteira silábica e as consoantes mais sonoras mais próximas do núcleo silábico. Por outras palavras, diferente da maioria de outros processos, a exemplo da assimilação, a metátese era vista como processo fonológico direcionado para o *output*.

Para Zimmer & Alves (2006), de acordo com o paradigma conexionista<sup>2</sup>, a relação entre a perceção do *input* e a produção do *output* envolvem os mesmos mecanismos cognitivos, tanto no processo de aquisição como no uso da língua. Nesta perspetiva, apontando trabalhos de Joannis (2000) e Bonilha (2004), Zimmer & Alves (2006: 103 ss.) observam que o *input* da aquisição da linguagem é o próprio *output* que representa a forma-alvo a ser adquirida.

Os dados de aquisição são importantes para a compreensão do processo da metátese uma vez que são simultaneamente elucidativos e representativos de estruturas marcadas *vs* não marcadas<sup>3</sup>, bem como agentes preditivos face a tendências reveladoras de fatores de mudança, cf., entre outros, Freitas (1997)<sup>4</sup> ou Vasconcellos (1928)<sup>5</sup>.

Em paralelo, a observação do sistema diacrónico de uma língua permite averiguar o tipo de processos que norteiam as referidas mudanças. Assim, parece resultar que os dados de um e outro sistemas fornecem pistas para uma descodificação privilegiada da análise da metátese.

---

<sup>2</sup> Zimmer & Alves (2006) referem que, numa perspetiva conexionista, não se pode conceber uma representação de *input* como uma estrutura, profunda ou subjacente, distanciada do *output* efetivamente produzido pelos falantes da língua. Remetendo para MacWhinney (2001), as autoras mencionam que a aquisição da linguagem é analisada como um processo construtivo e guiado por dados baseados em *universais* da estrutura cognitiva. Este processo é conduzido pela investigação da natureza dos mecanismos cognitivos que subjazem à aprendizagem dos processos fonológicos, semânticos e sintáticos. Focando a emergência da linguagem, com base em Elman *et al.* (1996) e McWhinney (2002), referem que este modelo resgata o papel do ambiente na aprendizagem da língua e estuda a interação entre o aparato cognitivo e a consistência e frequência do estímulo linguístico. No entanto, observam que o paradigma conexionista chama a atenção para a necessidade de “repensar os conceitos de fonologia e aquisição fonológica tradicionais (...) visto claramente em trabalhos como os de Joannis (2000), Zimmer (2004) e Bonilha (2004)”.

<sup>3</sup> “As restrições fonéticas agindo sobre a produção e a perceção são o que definem algumas estruturas como mais frequentes do que outras, sendo que as estruturas mais marcadas são aquelas menos frequentes no *input* linguístico. Estruturas mais difíceis do ponto de vista acústico-articulatório, menos frequentes e mais marcadas, são tidas como mais frágeis e, portanto, mais suscetíveis a mudanças”, cf. Zimmer & Alves (2006: 144).

<sup>4</sup> Entre outros exemplos, Freitas (1997: 370), confrontando os dados das crianças e a avaliação do sistema-alvo durante o processo de aquisição da linguagem, menciona que “comportamentos das crianças argumentam a favor das análises que defendem a tendência para a nuclearização da informação silábica no Português e refletem um padrão de mudança histórica neste sistema linguístico”.

<sup>5</sup> Para Leite Vasconcellos (1928: 108), “as crianças exercem certa ação no desenvolvimento das línguas, como provavelmente a exerceram na criação primitiva da linguagem”.

Atualmente a metátese<sup>6</sup> é vista como processo fonológico intrinsecamente relacionado com a fonética. O surgimento de novas tecnologias, de acordo com Costa (2011), possibilita o exame objetivo dos sons da fala<sup>7</sup>, nomeadamente com programas de análise acústica, de simulação articulatória e aparelhos que fornecem imagens electromagnéticas.

## 2 - *Pressupostos teóricos da Metátese*

“Metathesis, the process whereby in certain languages, under certain conditions, the expected linear ordering of sounds is reversed. Thus, in a string of sounds where we would expect the ordering to be ...xy..., we find instead ...yx...”.

(Hume 2001: 1)

Hume (2001: 2 e ss) observa que parece ter sido perpetuado um “mito” à volta da metátese<sup>8</sup> caracterizando-a como fenómeno marginal, irregular e restrito à linguagem das crianças e a erros de performance linguística. Embora menos comum do que outros processos que afetam os sons da linguagem, a metátese tem vindo a ser alvo de pesquisas recentes que a atestam como um processo fonológico regular numa ampla variedade de línguas.

### 2.1 - *Do Formalismo Linear à Teoria da Otimidade (OT)*

A variação no ordenamento linear de elementos diverge da natureza da maioria de outros processos fonológicos tipicamente definidos em termos de um único alvo sujeito a uma mudança

---

<sup>6</sup> Exemplos de metáteses são documentados extensivamente em *Elizabeth Hume's metathesis web page*, acessível em <http://www.ling.osu.edu/~chume/metathesis>, bem como na maioria dos estudos que foram servindo de base a este trabalho.

<sup>7</sup> Costa (2011: 27-28) menciona que “a fala é um sistema simultaneamente articulatório, aerodinâmico e acústico, para além de auditivo e neurológico” e salienta a postura de Ohala (1990: 158 ss.) “contra a conceção da Fonética e Fonologia como duas disciplinas independentes e autónomas que se integram apenas na sua interface”. Ohala considera que a relação entre fonética e fonologia se alterou e aponta a necessidade de tratar o objeto de estudo da fonologia tendo em conta fatores como “circularidade, reificação, projeção e miopia”. Por circularidade, entende explicações tautológicas do tipo “X porque X” como, p. ex., o conceito de marcação em que determinado traço tanto ocorre menos por ser marcado como, por ser marcado, ocorre menos (cf. traço coronal). A reificação consiste em considerar algo abstrato como concreto (nomeadamente, cf. Ohala 1990: 162, “articulatory features should not be regarded as independent entities but rather as being parts of integrated phonetic events, the gestures needed to produce sequences of distinct acoustic modulations”). A projeção revê-se nas entidades notacionais e formais do conhecimento do linguista projetadas na gramática mental do falante. Relativamente à miopia, enquanto visão estreita de um único ângulo para o objeto, Ohala considera a necessidade de conexões entre dados de fontes múltiplas (cf. abordagem sobre o valor do traço [contínuo] para a lateral).

<sup>8</sup> Hume refere que este mito, para além de expresso tanto nas teorias linguísticas lineares como não-lineares, tem vindo a ser alimentado também por propostas relativamente recentes e cita, entre elas, as de Montreuil (1981: 67), Powell (1985: 106), Spencer (1996:68) e Crystal (1997: 240). No entanto, a autora considera que a resistência destas teorias ao reconhecimento da metátese como processo fonológico legitimado pela inversão de segmentos se confronta com o potencial da metátese abrir “a Pandora's box of implausible-seeming...processes [cf. Janda (1984:92)]”.

em determinado contexto. No caso da inversão de sons, são dois alvos que estão envolvidos e cada um fornece, essencialmente, o contexto para o outro. (E. Hume: 1998, 2000)<sup>9</sup>.

### 2.1.1 - *Metátese no Formalismo Linear*

Relativamente ao formalismo linear, de acordo com a mesma fonte e com Odden (2005), com base no “trabalho seminal de Chomsky & Halle (1968) da fonologia generativa”, qualquer regra de movimento fonológico como a metátese (ou que combine dois segmentos num terceiro segmento) deve ser enunciada com uma anotação transformacional. Os termos, numa regra destas, são muitas vezes numerados de forma a ser possível identificar que segmento está a ser referido, como se observa em (1) num contexto de consoantes inter-vocálicas, em que, p. ex., a primeira é [+coronal] e a segunda é [+recuada]:

(1)	C	/taki/	V <sub>0</sub>	C	→	[kati]
	[+cor]			[+recuada]		
	1	2		3	→	3 2 1

(Adaptado de Odden 2005: 5)<sup>10</sup>

Os movimentos fonológicos, particularmente na metátese, estão sujeitos às regras de reescrita não restritiva<sup>11</sup>, excessivamente poderosas e sem restrições, que, como refere Hume (1998, 2000), são inadequadas para representar a metátese. Apesar disso, a autora considera que este argumento não é suficiente para rejeitar a metátese como uma operação básica<sup>12</sup>.

### 2.1.2 - *Metátese na Fonologia Não-Linear*

No que respeita a fonologia não-linear, não há um formalismo único para caracterizar a metátese, mas antes, cf. Hume (1998, 2000), a aplicação sucessiva de regras (entre outras, apagamento, inserção, ou epêntese) de forma a descrever “os efeitos da metátese”. Em

---

<sup>9</sup> The Characterization of Metathesis in Phonological Theory, baseado em Hume 1998, 2000.

<sup>10</sup> Feature Theory (origins of features, notation, formal simplicity, post-SPE features, underspecification). Extension of the book's coverage into theoretical area: Introducing Phonology.

<sup>11</sup> Odden 2005: 6 observa que, virtualmente, qualquer operação poderia ser formalmente descrita nestes termos mas nem todos os casos de metátese podem ser reduzidos a uma derivação plausível de etapas múltiplas. Na literatura houve um número de respostas às regras de metátese propondo que o processo em questão não fosse parte da fonologia, mas antes de uma componente separada, a morfologia, ou de uma abordagem de negação (i.e., através de uma reanálise do fenómeno para que as regras de reescrita não restrita não sejam necessárias para produzir o movimento aparente). A abordagem de negação é válida nalguns casos e parece potencialmente apropriada para os fenómenos do tipo CCV → CVC. Muitos destes podem ser reanalisados como uma combinação de epêntese e apócope, i.e., CCV → CV<sub>i</sub>CV<sub>i</sub> → CV<sub>i</sub>C.

<sup>12</sup> Hume argumenta que o apagamento também exigiria uma regra de reescrita não restrita e, no entanto, seria improvável que se duvidasse da existência de apagamento como processo fonológico.

consequência, a metátese deixou de existir, numa perspetiva teórica, como um processo fonológico distinto.

No entanto, embora limitada na medida em que afeta apenas um subconjunto de formas ou classes morfológicas de uma dada língua, a metátese pode contudo ser completamente regular como processo fonológico sincrónico, conforme tem vindo a ser largamente comprovado<sup>13</sup>.

### 2.1.3 - Metátese na Teoria da Otimidade

Hume, remetendo para Prince & Smolensky (1993), McCarthy & Prince (1995) e McCarthy (1995), refere que a Teoria da Otimidade (OT – Optimality Theory) é baseada em restrições e fornece uma abordagem promissora à análise teórica da metátese. Enquanto processo caracterizado pela inversão de segmentos, a metátese não respeita o princípio de ordenamento linear entre *input* e *output* violando a restrição de Linearidade, formalmente codificada em (2):

- (2) Linearity: "No Metathesis" (McCarthy & Prince, 1995; McCarthy 1995)  
 $S_1$  is consistent with the precedence structure of  $S_2$ , and vice versa.  
 (Hume 1998 e 2000)

De acordo com Hume, a violação desta restrição não só é permitida, no quadro da OT, como até prevista, contrariando as abordagens anteriores baseadas em regras e incapazes de validar o processo descritivo da metátese. Assim, para a autora, deixa de existir uma razão de princípio para rejeitar a existência de metátese.

Observando (3), a estrutura de segmentos no primeiro candidato, sendo fiel ao *input*, viola Q (alguma restrição de marcação). No segundo candidato, a restrição Q é satisfeita e, ao inverter a ordem dos segmentos *y* e *x*, é a restrição de Linearidade que é violada.

- (3) Input: /VxyV/            Q        LINEARITY  
                   VxyV            \*!  
                   VyxV                            \*  
 Constraint Q forces a violation of Linearity: metathesis applies.  
 (Hume 1998 e 2000)

Obedecendo a uma hierarquia de restrições, o posicionamento desta última violação, situado num nível inferior a Q, permite que o segundo candidato seja selecionado como *output*.

<sup>13</sup> Base de dados de línguas estudadas em <http://metathesisinlanguage.osu.edu/database.cfm>.

O cumprimento ou violação das restrições expressa as representações permitidas ou proibidas em cada sistema linguístico e, com base na OT, a gramática de uma língua pressupõe uma hierarquia particular de restrições, universais e violáveis<sup>14</sup>.

Estas restrições compreendem critérios de marcação e de fidelidade: as de marcação exigem que formas de *output* atendam a um critério de boa formação e as de fidelidade exigem que formas de *output* preservem as propriedades de seus *inputs*, i.e., as suas formas lexicais básicas. (Matzenauer 2009: 3).

### 3 - Consciência Fonológica

De acordo com Veloso (2003: 79 e 80), “o conhecimento dos falantes acerca da sua língua contemplará sempre, obrigatória e necessariamente, um conjunto de informações ou instruções relativas à boa-formação fonética e fonológica dos produtos verbais da sua língua”. Em posse dessas informações, “qualquer falante de qualquer língua natural terá interiorizado um ‘estado mental’” que lhe permite distinguir, em relação à sua língua, “(i) quais os sons que fazem parte do inventário fonémico e quais os que não integram tal inventário, (ii) quais os sons que correspondem a variedades articulatorias (fonéticas) de cada fonema, (iii) quais as principais formas fonéticas associadas a cada entrada lexical, (iv) de que forma se combinam os sons para formar unidades mais complexas, como as sílabas, (v) quais as combinações permitidas e quais as não-permitidas, (vi) quais os contornos entoacionais associados a certas propriedades gramaticais e pragmáticas dos enunciados, (vii) quais as marcas prosódicas associadas a certos aspetos da organização gramatical e discursiva das frases e dos enunciados, (viii) quais os mecanismos de atribuição do acento lexical e (ix) quais as principais formas fonéticas associadas a cada entrada lexical”.

Corroborando esta ideia, Freitas & Afonso (2010: 49 e 50) referem que o conceito de consciência fonológica foi alargado por Sim-Sim (1998) definindo-o “não só como a capacidade de reconhecer e analisar as unidades sonoras de uma língua, mas também como a de compreender os princípios inerentes à sua distribuição e à construção de sequências fónicas possíveis no sistema sonoro da língua”.

O conceito de consciência fonológica recruta, assim, simultaneamente o conhecimento fonológico implícito, i.e., consciência da estrutura sonora da palavra que permite efetuar tarefas de identificação e manipulação de unidades fonológicas, e o conhecimento fonológico explícito.

---

<sup>14</sup> Matzenauer (2009: 3) salienta ainda que a OT prevê “três componentes formais – GEN (*Generator*), EVAL (*Evaluator*) e CON (*Universal Constraints*) –, que são a base tanto das gramáticas das línguas como dos sistemas em processo de aquisição: GEN cria uma série de potenciais candidatos a *output*, e EVAL usa a hierarquia de restrições para avaliar o candidato ótimo (o melhor *output*) dentre os candidatos produzidos por GEN. É a hierarquia de restrições que resolve qualquer conflito entre diferentes *outputs* possíveis”.

Este último, reenvia para a compreensão de que a palavra é constituída por unidades hierarquicamente inferiores, de diferentes naturezas e dimensões: (i) a sílaba (consciência silábica), (ii) os constituintes silábicos (consciência intrassilábica) e (iii) o segmento (consciência fonémica ou segmental).

### 3.1 - *Consciência silábica e segmental*

De acordo com Mateus (2005: 9), os pressupostos teóricos da linguística atual fundamentam uma diferente conceção de sílaba considerando-a “uma construção percetual, isto é, criada no espírito do falante, com propriedades específicas que não decorrem da simples segmentação fonética das sequências de segmentos”. Para a autora, a sílaba deve ser considerada “de acordo com as suas características fonológicas visto que desse modo é que elas são percebidas pelos falantes”.

A estrutura interna das sílabas<sup>15</sup> obedece a uma organização hierárquica que compreende o Ataque e a Rima. Por sua vez, a Rima é constituída por Núcleo e Coda. Mateus (2005: 13) observa que “os constituintes silábicos integram inventários diferentes de consoantes possíveis” na medida em que nas línguas do mundo existem processos fonológicos “que afetam apenas as consoantes em Ataque, outros que afetam apenas os segmentos do Núcleo e outros ainda que envolvem apenas as consoantes em Coda”.

Apontando vários autores<sup>16</sup>, Veloso (2003: 88) salienta que “entre os principais argumentos de ordem intrinsecamente fonológica invocados pela fonologia em defesa da inclusão da sílaba enquanto objeto de estudo da linguística (...) conta-se o facto de ela ser domínio da aplicação de regras e processos fonológicos, por um lado (...) e, por outro, de restrições fonotáticas”<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Mateus menciona que “como os núcleos das sílabas são sempre ocupados por vogais, e como as consoantes oclusivas são as que apresentam menos sonoridade e as líquidas são bem mais sonoras, as sílabas assim constituídas obedecem ao denominado Princípio de Sonoridade”. Este Princípio está enunciado em (i) e obedece a uma Escala de Sonoridade enunciada em (ii).

- (i) Princípio de Sonoridade: A sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba aumenta a partir do início até ao núcleo e diminui desde o núcleo até ao fim.
- (ii) Escala de Sonoridade: Parte, em sentido crescente, das oclusivas < fricativas < nasais < líquidas (vibrantes, laterais) < semivogais ou glides < até às vogais (altas, médias, baixas).

<sup>16</sup> Para o estudo do domínio da aplicação de regras e processos fonológicos, Veloso (2003) menciona diversos trabalhos.

<sup>17</sup> Veloso (2003) refere que “um outro argumento fundamental para a definição da sílaba enquanto unidade fonológica reside na sua conceção como combinação hierarquizada de segmentos que se agrupam em torno de um segmento mais *proeminente* (...). O papel desta proeminência, exclusiva do Núcleo - que corresponde assim a um ‘*pico de sonoridade*’ (...) impõe ainda que os restantes segmentos da sílaba detenham uma sonoridade tanto maior quanto mais próximos se encontrarem do elemento culminante”. 84

#### 4 - *Fonotática do Português*

Na fonotática do Português<sup>18</sup>, de acordo com Mateus (2005: 9-12), o Ataque simples das sílabas pode ser preenchido por qualquer consoante, enquanto o Ataque ramificado prevê apenas as consoantes constituídas pelos tradicionais grupos próprios formados por uma consoante oclusiva como, por ex., [p], [b] ou [k] e uma consoante líquida como [l] ou [r]. A Rima domina o Núcleo e Coda, sendo apenas o primeiro de preenchimento obrigatório. No que respeita ao Núcleo, ele pode ser preenchido por uma só vogal ou por um ditongo decrescente<sup>19</sup>. Relativamente à Coda<sup>20</sup>, apenas três consoantes, /l/, /r/ e /s/, podem ocupar essa posição.

Mateus (2005: 23) refere que, no caso do Português, para além da sílaba, a palavra prosódica e o sintagma entoacional também têm aspetos específicos que os identificam como unidades prosódicas com função de segmentação da fala<sup>21</sup>. A distribuição dos acentos principal e secundário, bem como a ocorrência dos acentos nucleares, são fatores de organização da fala e a duração, embora sem função distintiva no Português, contribui para a organização das unidades prosódicas.

No Anexo I especifica-se o panorama fonotático do Português, bem como as condições que regem o algoritmo de silabificação.

#### 5 - *Aquisição da linguagem*

O processo de aquisição do sistema linguístico do Português, de acordo com Matzenauer (2009: 1-3), pressupõe a aquisição da hierarquia de restrições que o caracteriza.

Tanto a aquisição da hierarquia das restrições como a ordem relativa à disponibilização e estabilização na emergência de padrões silábicos no PE são centrais no processo da aquisição da linguagem e, como tal, a abordagem de um e outro tornam-se necessários.

Relativamente ao ordenamento da disponibilização e da estabilização de padrões silábicos no PE, Freitas, Frota, Vigário & Martins (2006: 3 e 4) apresentam diferentes configurações do constituinte Ataque (4), bem como do constituinte Rima, (5), no contexto da aquisição.

(4) C e Ø > G > CC;

---

<sup>18</sup> Anexo I.

<sup>19</sup> Anexo I.

<sup>20</sup> Anexo I.

<sup>21</sup> Anexo I.

(5)  $V >$  produção de VG e  $VC_{fric} > VC_{liq}$  e estabilização de VG.

No que respeita a (4), os autores referem que os dados até agora analisados mostram que Ataques não ramificados, vazios ( $\emptyset$ ) ou simples (C), estão disponíveis no sistema da criança desde

o início da produção. Tanto o uso de Ataque vazio ( $\emptyset$ ) como o de glide (G) em substituição de

Ataque simples (C) são estratégias recorrentes nas crianças portuguesas. O Ataque ramificado (CC) constitui a última configuração a ser adquirida.

Quanto a (5), os autores referem que, em relação à Rima, a única configuração disponível no início da produção é a de Rima não ramificada dominando um Núcleo não ramificado (V). Em termos de desenvolvimento silábico, a primeira ramificação dá-se no domínio do nó Rima, com a aquisição das Codas fricativas ( $VC_{fric}$ ). Muito mais tarde, são adquiridas as líquidas em final de sílaba ( $VC_{liq}$ ), as quais estabilizam paralelamente aos Núcleos ramificados correspondentes a ditongo decrescente (VG)<sup>22</sup>.

Freitas *et al.* (2006: 10), referem que “o desenvolvimento silábico nas crianças portuguesas não é exclusivamente determinado pela frequência dos vários padrões silábicos no *input* (...)”. No sentido de identificarem os fatores que legitimam a alteração da ordem de aquisição, os autores exploram “o efeito da proeminência prosódica no comportamento registado” no seu estudo, procurando, mais precisamente, “uma explicação para os resultados obtidos numa eventual diferença na proporção dos diferentes tipos silábicos que ocorrem nas periferias da palavra e em posição acentuada, relativamente às restantes posições”.

---

<sup>22</sup> Freitas *et al.* (2006: 3 ss.) observam que “os ditongos decrescentes são produzidos muito antes das líquidas em final de sílaba, embora a sua estabilização se verifique tardiamente e simultaneamente a estas. As produções de estruturas VG antes da sua estabilização e a sua alternância VG/V face a alvos VG são argumentos para fundamentar a hipótese de que as crianças portuguesas começam por processar os ditongos decrescentes como monoposicionais, dominados por uma só posição de esqueleto (Freitas 1997). Por outras palavras, embora padrões silábicos com VG surjam cedo nos dados das crianças, tal não é sinónimo da sua estabilização precoce”.

A confluência de informação estrutural<sup>23</sup>, designadamente proeminência prosódica – posição na palavra e acento de palavra –, e de efeitos de frequência permite uma interpretação adequada de fenómenos da aquisição não previstos pela frequência dos padrões da fala de adultos<sup>24</sup> (Freitas *et al.* 2006: 15).

No que respeita à hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do Português, Hernandorena & Lamprecht (2000: 1) referem que “partindo da estrutura CV, as crianças começam a integrar, a seus sistemas fonológicos, outros padrões silábicos da língua, sendo que os padrões com coda são adquiridos gradualmente, dependendo da posição na palavra prosódica e do segmento que constitui a coda”. Segundo a Teoria da Otimidade, esse “processo de aquisição é explicado por diferentes hierarquias de restrições tanto de natureza sintagmática [referentes à estruturação da sílaba] como paradigmática [responsáveis pelo tipo de segmento escolhido como coda]”.

Com base no fundamento teórico da OT, a aquisição gradual de padrões silábicos com coda é explicada por diferentes ordenações destas restrições enunciadas em (6), como restrições de Fidelidade<sup>25</sup>, e em (7), (8) e (9), como restrições<sup>26</sup> de, respetivamente, Núcleo, Ataque e Não Coda.

- (6) Fidelidade
- (6.a) Fidelidade C (FIDELC) – Toda a consoante do *input* tem uma correspondente idêntica no *output*.
- (6.b) Fidelidade V (FIDELV) - Toda a vogal do *input* tem uma correspondente idêntica no *output*.
- (7) Núcleo (PICO) - As sílabas devem ter Núcleo;
- (8) Ataque (ONSET) - As sílabas devem ter Ataque;
- (9) Não Coda (NÃO CODA) - As sílabas não devem ter Coda.

---

<sup>23</sup> A interação entre (i) frequências silábicas e (ii) proeminências prosódicas no *input* concorre para a promoção da emergência de padrões silábicos quer de CV e V, quer de (C)VN e (C)VG(N) relativamente a (C)VC.

(i) A ordem de disponibilização dos padrões silábicos no percurso da aquisição do PE, baseada exclusivamente na frequência de ocorrência de padrões silábicos no sistema-alvo, encontra motivação na distribuição de V e de (C)VG(N) relativamente às periferias da palavra;

(ii) Na observação do contraste periferias da palavra *vs* posição interna, os dados mostraram que a maior parte das sílabas V ocorre em posição inicial de palavra e em monossílabos. Já (C)VG(N) ocorre preferencialmente em posição final de palavra, sendo mais frequente do que CVC neste contexto.

Na observação do *acento de palavra*, verificou-se que este facto prosódico contribui para reforçar a proeminência de (C)VN e de (C)VG(N), uma vez que estas estruturas ocorrem preferencialmente em posição tónica. O acento reforça, assim, o efeito da posição na palavra observado para estes padrões silábicos complexos.

<sup>24</sup> “De acordo com as frequências de padrões silábicos da fala adulta dados em Vigário, Martins & Frota (2006), a sua ordem de emergência na aquisição seria: CV > V > (C)VC > (C)VG/(C)VN > CCV”, referem os autores.

<sup>25</sup> As autoras (2000: 2 e 3) remetem para Prince e Smolensky (1993: 16, 25, 34) referindo que as vogais são dominadas pelo nó Núcleo, ou Pico, e as consoantes pelos nós Ataque e Coda.

<sup>26</sup> Restrições que, cf. as autoras, dizem respeito às tendências gerais relativas à estruturação de sílabas.

Na medida em que a natureza da gramática da criança é igual à dos adultos, qualquer processo ou restrição que funcione na aquisição, segundo observação de McCarthy (2002: 208) citada por Matzenauer (2009: 1), “deve também ser possível nas gramáticas sincrônicas dos adultos”.

#### 6 - *Diacronia da metátese no Português*

Vasconcellos (1886: 69-70), debruçando-se sobre a evolução da linguagem, refere uma variedade de influências que motivam a mudança na evolução de uma língua, mencionando, entre vários fatores, a aquisição da linguagem<sup>27</sup> e a importação de palavras através de determinados grupos pelo simples uso da língua como, é exemplo, a gíria.

Relativamente à aquisição da linguagem, Vasconcellos (1886: 83 e ss.) expõe uma série de “modificações” realizadas pelas crianças decorrentes da sua adaptação à linguagem, constatando, entre elas, a metátese por analogia, como o caso de *dezi* por *disse*, acrescentando que “as crianças têm grande tendência para a generalização e para a simplificação”. Como exemplo de gírias, o autor aponta a dos pedreiros, pp. 77, em que, p. ex., atesta a “transposição” de sílabas na palavra *porta* resultando na forma *tapor*.

Para além destes exemplos de metátese, Vasconcellos refere a hipótese supracitada, no início deste trabalho, e a respetiva análise recai sobre um tipo de metátese que decorre do automatismo da linguagem. Para o autor, “nestas transmutações de palavras há de certo uma lei, que será fácil descobrir diante de muitos exemplos autênticos”, realçando “que as vogais tónicas das palavras permanecem nos seus lugares”.

#### 6.1 - *Metátese sincrónica*

Uma grande variedade de metáteses é apresentada por Nogueira (1932: 33 ss.) que a define como um fenómeno que consiste “na mudança de situação de um ou mais fonemas dentro do corpo de uma palavra”, distinguindo-o entre inconsciente (i) e semi-consciente (ii), contextualizando-a como se segue:

(i) *vigairo* ~ *vigário* ou *arioplano* ~ *aeroplano* , resultantes, respetivamente, de um “fenómeno fonético ou de um analógico”. No primeiro, “a deslocação do *i* para junto do *a* deve ter sido provocada pela atração, que este último exerce sobre o primeiro, pela tendência que há

---

<sup>27</sup> Remontando ao período da formação do Português, Leite de Vasconcellos (1886: 108), argumenta que “os Romanos tinham trazido o latim, que os Lusitanos começavam a aprender (...). As crianças dos Lusitanos haviam de ter menos dificuldade que os adultos na aprendizagem; e (...) introduzem nas línguas que aprendem grande número de modificações (...). Mas a influência das crianças não se restringiria (...) aos períodos pre-históricos da língua; poderia continuar a exercer-se posteriormente”.

para a ditongação”. No segundo, “a deslocação do *-r-* para junto do *a-* não deve ter sido provocada por um fenómeno de atração dêste último sôbre o primeiro, mas por um fenómeno de analogia com *ar*.”

(ii) *interpêtrar* ~ *interpretar*, resultante de “uma confusão de quem fala, que se lembra de que na palavra *interpretar* existem dois *rr*, além do final, mas esquece-se de qual a distribuição dêles no corpo daquela palavra”.

O autor considera que “a metátese é *fonética* quando resulta de um fenómeno de atração de um fonema por outro, para estabelecer maior harmonia entre os fonemas de um mesmo vocábulo”. Neste contexto, refere que “a metátese *fonética* dá-se em consequência de princípios fonéticos, que, salvo êrro, podem ser formulados com certo rigor; a *analógica* e a *semi-consciente* não se dão em consequência dêsses princípios, mas creio que não podem distanciar-se muito dêles”.

Para além desta distinção, Nogueira diferencia ainda a metátese pela ordem de direção na inversão de segmentos, segundo uma deslocação progressiva (iii), regressiva (iv) ou recíproca (v), considerando a existência de “um fonema fixo e um móvel”, nos dois primeiros tipos, e de “dois fonemas móveis”, no terceiro. A direção da deslocação, cf. exemplos abaixo, avança, recua ou simplesmente permuta, dentro da palavra.

- (iii) *frenesi* ~ *fernesim*, “em que o fonema móvel [r] avança”;
- (iv) *António* ~ *Antoino*, “em que o fonema móvel [i] recua”;
- (v) *canalização* ~ *calanização*, em que “há dois fonemas móveis [n, l] que permutam os lugares”.

Ainda no que respeita à metátese sincrónica, Freitas (2005: 126-127) refere que “ainda hoje ocorre (...) na fala de pessoas geralmente de baixa escolaridade, pois não se trata da forma padrão”, dando exemplos de ocorrências como *pertende* ~ *pretende*, *sastifeito* ~ *satisfeito* e *tremina* ~ *termina*. Num levantamento sobre a metátese em manuscritos do século XVIII, a autora conclui que estes fenómenos são “importantes na História da Língua Portuguesa, mas nem sempre resultam em mudanças definitivas na língua”.

Mantendo a visão de Labov na perspectiva de usar “o presente para explicar o passado,” Mielke & Hume (2001) observam que os resultados da metátese sincrónica motivam um reexame dos casos reportados na metátese diacrónica, tanto em termos dos seus padrões de adjacência como de posição de palavra.

Por outro lado, Blevins & Garret (2004: 2) consideram que as regularidades diacrónicas determinam um papel preponderante na tipologia fonológica, argumentando que refletem os princípios e as restrições na mudança de som.

## 6.2 - Metátese diacrónica

Num estudo sobre a formação das palavras, Caetano (2003: 213), menciona o percurso evolutivo do Português, nomeadamente na mudança de nomes em *-eir-*, cuja evolução terá passado pela metátese de *-ariu-> -airo>* para se fixar em *-eiro*.

Referindo Manuel Said Ali ([1931] 1964: 241-243), a autora observa que “os nomes em *-eir-* ocorrem desde que o ‘idioma [português] se constituiu’, sendo o resultado da adaptação dos ‘nomes que em latim clássico tinham o elemento formativo *-ariu-*”<sup>28</sup>.

Para Caetano, citando a mesma fonte, no “português antigo” formas em *-airo*, como *boticairo*, *contrairo*, *fadairo*, *sudairo*, *vigairo*, etc., sem formas correspondentes em *-eiro*, são “exceção à regra geral” ou termos introduzidos “ulteriormente”. A metátese foi-se desfazendo “sob a influência erudita (...)volvendo tais vocábulos à forma primitiva, e enriqueceu-se o idioma com outros termos em *-ário*”, como p. ex. *argentário* e *monetário*.

No entanto, a autora observa, pp. 215, que “apesar de se registarem menos derivados formados com o sufixo erudito *-ári-*, ele serve, tal como em latim, para formar nomes e adjetivos. Nalgumas formas, em vez de *-ári-* ocorre a variante *-air-*, com metátese do iode”.

Mais adiante, relativamente a uma metátese dupla, pp. 325-326, a autora notifica uma observação referida por Machado ([1952] 1977) acerca da origem de *escoldrinbador* resultante de *esculdrinba(r) + -dor*. *Esquadrinbar*, vindo do latim “*scrutināre* saiu primeiramente *\*escrudinbar* (...): d’aqui veio, por um lado, com metátese, *escudrinbar*, e por outro, com dissimulação incompleta, acompanhada também de metátese, *\*esculdinbar*”. Finalmente, “do cruzamento destes dois últimos verbos saiu *esculdrinbar*”.

Mais comum, a passagem de *proveza > probeza > pobreza*<sup>29</sup>, entre muitas outras, atesta a presença de metátese na evolução da língua, designadamente na sua origem.

## 6.3 - Metátese no Latim

Said Ali (1964: 46), citado por João Bortolanza (2005), defende a necessidade de procurar explicações para factos presentes no latim e nas suas transformações. Procurando exemplificar essa ocorrência na diacronia, Ali inclui a metátese, verificada em *formosus < formonsus* formando o popular arcaico *fremoso* e o regressivo erudito *formoso*, bem como o *perguntar* ainda em variante com *preguntar* (popular, mas regular no castelhano) ou ainda a razão pela qual o /r/ de *trevas* ocorre no final de *tenebroso*.

---

<sup>28</sup> De acordo com Caetano, “a evolução (...) terá sido ‘*-ariu-> -airo> -eiro*’, apesar de, como [Ali] refere, não existirem atestações das supostas formas intermédias do tipo de *\*primairo* e *\*dinhairo*”.

<sup>29</sup> Cf. XIII *pobreza*591 A5, D311 / *probeza* A5 / *pregueza*, Caetano (2003: 262).

Num levantamento sobre o Latim, Lindsay (1894: 97 ss.) observa “que nada é mais comum do que a metátese com /r/, em Italiano”, e detém-se em exemplos como “*crapa* usado em vez de *capra* (Lat. *câpra*), *interpetre* em vez de *interprete* (eventualmente, *interpetror* em Consentius 392. 23 K.), *preta* em vez de *petra* (usado em várias partes de Italia), em Latim *formento* para *frumentum*, *farnetico* para *phreneticus*, etc.”.

Relativamente à metátese com o segmento /l/, a autora enumera “*padule* para *pâludem*, *requilia* em vez de *reliquia* (eventualmente *requilum* em Consentius 392. 23 K.) ou em vez de *leriquia* (cf. *leriquias* de Diomedes 452. 30 K.), *grolia* é usado em vez de *gloria*”.

Para alguns exemplos de metátese em inscrições antigas, Lindsay remete para Schuchardt e Seelmen referindo respetivamente as formas *Prancatius* para *Pancratius* e *Procobera* por *Porcobera*, entre outras.

Ainda sobre o Latim, Silva Neto (1946), referido por Araújo (2003: 104, 111) assinala, entre outras, as mudanças verificadas na variação de *caesu* > *casiu* > \**ca-syu* > \**caijo* > *queijo* e pormenoriza, p. ex. que “*ficātum* reduziu-se a *ficitum* pela tendência do átono a enfraquecer-se e por uma assimilação natural aos participios em *-itum*, frequentes em latim vulgar. Daí *ficidum* por assimilação aos adjetivos em *-idum*. Depois, por metátese [cp. *sucidu* > *sudicu*] *fidicum*. *Ficitum* e *Ficidum* não proliferaram, mas a *fidicu* ligam-se o lombardo *fidegh*, *fidech*, piemontês *fidich*,” entre outras variedades de língua.

#### 7 - Condições e previsibilidade de metátese

De acordo com Hume (2002: 15), são necessárias duas condições essenciais para a ocorrência de metátese: a ambiguidade na combinação de sons no *input* e a ordem pela qual os sons são emitidos. A primeira estabelece o palco para a metátese e, a segunda, influencia como o sinal é processado. A autora menciona que, quanto maior for a ambiguidade, tanto mais o ouvinte/falante tem de confiar no conhecimento da sua língua de forma a inferir a linearidade dos sons.

Baseando-se num campo alargado de pesquisa em fonética, fonologia, linguística histórica e psicolinguística e nos próprios padrões de metátese, a autora salienta que para dar um contributo totalmente preditivo da metátese, numa língua particular e seu uso, é necessário ter em conta tanto fatores de natureza fonética dos sons envolvidos como o conhecimento das sequências de som.

### 7.1 - Otimização fonética e fonologia evolucionária

Blevins & Garrett (2004: 2-4) propõem um modelo baseado numa relação entre uma otimização fonética e uma fonologia evolucionária.

Na perspetiva de uma explicação plausível para a metátese, os autores sugerem uma tipologia de metátese regular nas línguas do mundo, tanto predictiva como restritiva, cujo modelo baseado em características fonéticas específicas compreende quatro variedades: metátese percetual, metátese compensatória, metátese coarticulatória e metátese auditiva<sup>30</sup>.

Dos resultados desta proposta, Blevins & Garrett (2004: 22 ss.), ressaltam duas conclusões: Por um lado, a tipologia da metátese vem em larga medida no seguimento da evolução convergente, demonstrando até que ponto a fonologia é foneticamente determinada na dimensão diacrónica. Por outro lado, a perspetiva de otimização fonética combinada com a fonologia evolucionária sugere que a fonética determina padrões de som emergentes.

### 7.2 - Ambiguidade e ordem na combinação dos sons

O tipo de sons envolvidos na metátese, dando contexto à ambiguidade, tem como alvos dois grupos gerais, mas imbricados, de acordo com Hume (2002: 16)<sup>31</sup>, decorrentes da saliência percetual e da resolução temporal<sup>32</sup>.

Um terceiro tipo de evidência decorre da reduzida, ou mesmo nula, familiaridade com a combinação de sons em determinado *input* que, não só contribui para a ambiguidade no *input*, mas também é um importante agente de previsão do *output* da metátese. A ambiguidade é assim condicionada por fatores tanto universais como específicos da língua.

O ordenamento de uma combinação de sons é variável, em muitas línguas, sugerindo confusão no que respeita à sua organização temporal. De acordo com Hume (2002 : 15), os pares de sons envolvidos nestes casos são representativos dos encontrados em processos de metátese regular. A variação também ocorre em itens lexicais nalgumas variedades de Inglês, acrescenta a

---

<sup>30</sup> A metátese percetual envolve traços de longa duração em cadeias multi-segmentais que se espalham sobre uma sequência inteira permitindo a sua reinterpretação em posições incomuns. A metátese compensatória é condicionada prosodicamente pela migração de traços de uma sílaba fraca para uma sílaba forte. A coarticulatória surge em grupos de consoantes com o mesmo modo de articulação mas diferentes pontos de articulação em que as respetivas pistas não têm necessariamente longa duração, e resulta de uma coarticulação facilitada pelos gestos articulatorios partilhados. Por último, a auditiva resulta da segregação auditiva do ruído sibilante do resto da cadeia da fala.

<sup>31</sup> Hume (2002: 16) remete para Blevins & Garrett (1998) e para Hume (1998).

<sup>32</sup> Um alvo, caracterizado por uma diminuição da saliência percetual com pistas acústicas e auditivas similares e/ou com pistas fonéticas impercetíveis. Outro, envolvendo sons com pistas fonéticas relativamente longas (apesar de qualitativamente diferentes por terem presente a informação acerca da identidade dos sons), em que a resolução temporal é fundamental. Relativamente ao papel de fatores percetuais na metátese, Winters (2001: 4) cita a proposta de Hume (1998: 295, 296), nomeadamente em relação à metátese entre consoantes, defendendo que uma consoante percetivamente vulnerável se desvia para um contexto onde as pistas fonéticas para a identificação do som são mais robustas, potenciando a proeminência da consoante e, por sua vez, fortalecendo o contraste sintagmático e paradigmático entre os sons numa dada língua.

autora que apresenta, entre outros, os exemplos das formas *preserve* ~ *perserve*, *secretary* ~ *secertary*, mencionando que a variação ocorre tanto na fala de um só falante como também entre falantes.

Por outro lado, o conhecimento do indivíduo sobre o seu sistema de sons e respetivos padrões de uso influencia como o sinal é processado e, desta forma, a ordem pela qual os sons são emitidos<sup>33</sup>.

Para além destes fatores que concorrem para a ambiguidade, evidência adicional para a previsibilidade da ocorrência de metátese passa, entre outros, por critérios de adjacência, posicionamento e direcionalidade dos segmentos na sua combinação de sons<sup>34</sup>.

#### 8 - Metátese analisada pela OT

A obtenção de um corpus rigoroso para a análise da metátese sincrónica é complexa. Para tornar possível esta observação, procedeu-se a uma recolha de amostras, a partir de gravações de conversas informais e resultantes de um processo de indução simples, pedindo aos informantes<sup>35</sup> para se pronunciarem acerca de três temas distintos<sup>36</sup>. Destas amostras foram extraídos casos de metátese cuja ocorrência era, senão sistemática, muito frequente.

Dada a natureza deste trabalho, nomeadamente pelo seu carácter sintético, a abrangência dos dados, forçosamente superficial, visou apenas uma abordagem rudimentar.

---

<sup>33</sup> A este propósito, num estudo efetuado posteriormente, Hume (2005:10) salienta que a seleção de ordem realizada a partir da inferência dada pelo sinal, *output* da metátese, é resultado das sequências de som que ocorrem com maior frequência. Acrescenta ainda que um falante privilegia padrões de maior frequência, cf. Pitt & McQueen (1998), quando a informação específica de um som ou de uma sequência de sons é indeterminada.

<sup>34</sup> Mielke & Hume (2001:13 ss.) consideram que a ocorrência da metátese prevalece entre segmentos adjacentes o que indica a necessidade de não comprometer o reconhecimento da palavra. Destacando ainda o papel do reconhecimento da palavra, os autores referem que a metátese será menos prevalente no lado esquerdo da palavra, na medida em que os inícios de palavra tendem a ser particularmente robustos, capazes de resistir a processos fonológicos e onde, por norma, tanto o acesso lexical como a informação estão ancorados.

Uma sequência de consoantes torna-se numa ótima candidata para metátese, ou nalgum outro processo de reconstrução, perante uma convergência de fatores para criar um contexto imprevisível e, desta forma, de instabilidade tornando-a vulnerável a uma mudança relacionada com a produção ou perceção. Em grande parte dos casos, os sons envolvidos são largamente confusos em termos acústicos e auditivos. Para além disso, enquanto alguns segmentos partilham o modo e ponto de articulação, na maioria dos casos, os dois sons concordam em termos de sonoridade distinguindo-se unicamente no modo e ponto de articulação. Apontando um estudo consistente de Mohr & Wang (1968), Hume & Mailhot baseiam-se no facto de os pares consoantes julgados ser os mais similares terem sido os que partilharam “a característica da classe major [sonora], diferindo apenas no valor de vozeamento ou continuidade”.

Para Hume & Mailhot (2011: 21), a influência da direção na mudança relativa à ocorrência de metátese passa pela noção de preservação da estrutura, cf. Kiparsky (1985, 1995), visível no contraste entre padrões de som previsível e imprevisível. Os primeiros serão preservadores da estrutura e estão presentes no conceito de familiaridade linguística. Tanto a mudança analógica como a observação de que o *output* da metátese é uma estrutura complementar em cada língua suportam esta visão. Inversamente, os segundos envolvem padrões instáveis e não necessitam de preservar a estrutura, na medida em que a sua consequência linguística está sob a influência da realização, contribuindo pouco para a entropia do sistema e sendo menos cruciais na mensagem.

<sup>35</sup> Grupos constituídos por sujeitos de classe social média, com grau de escolaridade superior ao ensino secundário, tentando descartar situações socioeconómicas que favorecem este fenómeno, nomeadamente a baixa escolaridade.

<sup>36</sup> Tema 1: Contextos sociais privilegiados e suas consequências; Tema 2: Noção de contemporaneidade na arte, particularmente da étnica; e Tema 3 - Interpretação de códigos na música.

Reconhecendo a imprecisão dos dados e deixando para investigações futuras o recurso a mecanismos que possam tornar este tipo de *corpus* minimamente plausível, reportamos três casos de metátese recorrente no Português atual, em que surgem as formas alternativas (10), (11) e (12):

(10) *privilegiado* ~ *privelegiado* / *previligeado* / *prevligeado*

(11) *contemporaneidade* ~ *contemporaniedade*

(12) *interpretação* ~ *intrepertação* / *intrepretação*

O uso destas formas é praticamente sistemático para (10), frequente para (11) e muito frequente para (12).

A possibilidade de escolher a forma ideal de *output* a partir de um *input*, analisando-se simultaneamente vários candidatos, tal como previsto pela OT, atesta a presença de metátese de forma irrefutável.

### 8.1 - Metátese na aquisição

Para uma análise representativa do fenómeno à luz da OT, trataremos de formas selecionadas por metátese durante a aquisição da linguagem, uma vez que o referido processo é consensualmente reconhecido neste contexto e devidamente atestado em variadíssimos estudos. Assim, observamos a produção das palavras, mencionadas em (13d) *lua*, (14e) *café*, (15f) *frasco* e (16g) *chocolate*, realizadas neste período<sup>37</sup>.

(13) CV <sub>1</sub> .V	→	V <sub>1</sub> .CV
<i>lua</i>	→	[ˈula]
(14) C <sub>1</sub> V. C <sub>2</sub> V	→	C <sub>2</sub> V. C <sub>1</sub> V
<i>café</i>	→	[fa.ˈkɛ]
(15) C <sub>1</sub> C <sub>2</sub> VC <sub>3</sub> .C <sub>4</sub> V	→	C <sub>1</sub> VC <sub>3</sub> .C <sub>4</sub> C <sub>2</sub> V
<i>frasco</i>	→	[ˈfaʒkru]
(16) C <sub>1</sub> V.C <sub>2</sub> V. C <sub>3</sub> V. C <sub>4</sub> V	→	C <sub>2</sub> .C <sub>1</sub> V. C <sub>3</sub> V. C <sub>4</sub> V
<i>chocolate</i>	→	[kuʃuˈlatə]

<sup>37</sup> A escolha do tema deste trabalho partiu precisamente da curiosidade de entender a razão pela qual a metátese foi selecionada em palavras, como *lua*, realizada como [ˈula], *café* como [faˈkɛ], *frasco* como [ˈfaʒkru] e *chocolate* como [kuʃuˈlatə], produzidas pelo meu filho durante o período da aquisição da linguagem.

O quadro A traça um panorama de três candidatos a *output* dos exemplos em análise, em a), b) e c), e de entre eles, à luz das restrições ordenadas, apresenta o candidato ótimo<sup>38</sup>.

QUADRO A. Seleção do candidato ótimo segundo restrições ordenadas

GEN	FIDEL-V	FIDEL-C	LIN
(13) <i>lua</i>			
a) [lu.'la]		*	
☛ b) ['u.la]			*
c) ['u.a]		*	
(14) <i>café</i>			
a) [fa.'fɛ]		*	
☛ b) [fa.'kɛ]			*
c) ['fɛ.'fɛ]	*	*	
(15) <i>frasco</i>			
a) ['fɔ̃fɾaʒ.ku]	*		
☛ b) ['faʒ.kru]			*
c) ['faʒ.ku]		*	
(16) <i>chocolate</i>			
a) [cu.'la.tə]	*	*	
☛ b) [cu.ɭu.'la.tə]			*
c) [ɭu.'a.tə]	*	*	

Legenda: Gen – candidatos a *output*; Fidel V – vogal do *input* com correspondente no *output* (impede epêntese), Fidel C - consoante do *input* com correspondente idêntica no *output* (impede apagamento de coda e ataque), Lin – correspondência na ordem linear entre *input* e *output*.

Os candidatos b) são assinalados como ótimos por violarem as restrições mais baixas na hierarquia Fidelidade V e C >> Linearidade.

## 8.2 - Considerações gerais

Observando (13) 'CV.V > 'V.CV → *lua* > ['ula], parece possível concluir que esta metátese indicia uma fase da aquisição em que apesar dos formatos silábicos V e CV estarem adquiridos, a estabilização do segmento /l/, de aquisição tardia<sup>39</sup>, ainda terá alguma vulnerabilidade privilegiando a ordem V.CV em lugar de CV.V na palavra prosódica.

<sup>38</sup> Hernandorena & Lamprecht (2000: 3) observam que “(...) o *input* alimenta GEN, que cria candidatos a *output*, listados na coluna da esquerda; os candidatos são considerados por EVAL, que seleciona o candidato ótimo a partir da análise à luz das restrições ordenadas. As violações a restrições são marcadas com um asterisco (\*) e (...) o candidato ótimo, marcado com o símbolo ‘☛’, é aquele que apresenta o menor número de violações e as violações às restrições mais baixas na hierarquia”.

<sup>39</sup> Costa (2010: XV) refere que, p. ex. no que respeita à lateral, enquanto a “Labial emerge primeiro em posição inicial (C1) e só mais tarde em posição intervocálica (C2) (...), as líquidas são adquiridas primeiro em C2 e só depois em C1”. Por outro lado, Freitas (2001: 1) refere que “as laterais não se encontram representadas no inventário segmental universal, não surgem nas primeiras produções das crianças e, em conjunto com as vibrantes,

Assim, o Ataque da primeira sílaba passou para Ataque da segunda sílaba, deixando o Núcleo como único constituinte da sílaba inicial. Uma vez que a sílaba portadora do acento primário da palavra fonológica é sempre a sílaba proeminente, de notar ainda que, embora o acento se tenha mantido na sílaba inicial, há uma deslocação do segmento /u/ em direção dessa proeminência, criando o contexto para a deslocação de /l/ para Ataque da segunda sílaba.

Nos traços de ponto de articulação constata-se uma oposição, sendo /u/ [+ recuado] e /l/ [- recuado]. Este traço [+ recuado] também parece poder influenciar a metátese<sup>40</sup> num contexto seguido por [+ coronal].

Como o traço [coronal]<sup>41</sup> está frequentemente associado a dados de metátese, de referir então que /l/, além de [+ lateral], tendo por isso o traço [- contínuo], é também [+ coronal].

Os traços comuns a ambos dizem respeito à sonoridade e ao vozeamento, sendo ambos segmentos [+ sonoro] e [+ vozeado].

Na impossibilidade de nos determos de forma minuciosa nos restantes exemplos, (14) C<sub>1</sub>V. C<sub>2</sub>V > C<sub>2</sub>V. C<sub>1</sub>V → *café* > [fa.'kɛ]; (15) C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>VC<sub>3</sub>.C<sub>4</sub>V > C<sub>1</sub>VC<sub>3</sub>.C<sub>4</sub>C<sub>2</sub>V → *frasco* > ['faʒkru] e (16) C<sub>1</sub>V.C<sub>2</sub>V. C<sub>3</sub>V. C<sub>4</sub>V > C<sub>2</sub>.C<sub>1</sub>V. C<sub>3</sub>V. C<sub>4</sub>V → *chocolate* > [kuʃu'latə], salienta-se a tendência evidente, patente no exemplo (15), para a simplificação dos formatos silábicos, bem como a constância do traço [+ recuado] de um dos segmentos, [k], envolvido nas três metáteses agora referidas.

Na realidade, ressalta ainda outra observação decorrente das permutas das posições de [k] com [f] em (14), e de [k] com [ʃ], em (16). Assim, qualquer um dos segmentos envolvidos, tanto [f] como [ʃ] e como [k], têm o vozeamento inibido partilhando os traços da classe [- sonora], diferindo apenas no valor de continuidade sendo as fricativas [+ contínuas] por oposição à oclusiva que é [- contínua]. No caso de (15), a metátese tem lugar pela deslocação do segmento

---

são normalmente referidas como um dos grupos consonânticos mais problemáticos no processo de aquisição”. Relativamente à vogal, Freitas (1997: 370) refere que “o formato silábico não marcado para as crianças portuguesas é V e não CV”. Justificando a presença precoce de Ataques vazios nas produções das crianças, Vigário *et al.* (2003), citadas por Freitas *et al.* (2006), consideram “fatores de natureza rítmica: valores elevados de intervalos vocálicos (%V) no *input* promoveriam a presença de vogais nas produções das crianças”.

<sup>40</sup> Cf. exemplo adaptado de Odden, em 2.1.1, em que um segmento /t/, [+ coronal], permutava com um segmento /k/, [+ recuado], embora a metátese se estabelecesse entre duas consoantes e neste caso seja uma vogal e uma consoante, [u] e [l].

<sup>41</sup> Vindo ao encontro do que foi dito no índice 36, por Hume & Mailhot (2001), em que enquanto alguns segmentos partilham o modo e ponto de articulação, na maioria dos casos, os dois sons concordam em termos de sonoridade distinguindo-se unicamente no modo e ponto de articulação. Hume & Mailhot baseiam-se no facto de os pares consoantes julgados ser os mais similares terem sido os que partilharam “a característica da classe major [sonora], diferindo apenas no valor de vozeamento ou continuidade”.

[r], cujos traços de modo e ponto de articulação o definem, respetivamente como líquida [+sonora] e [+coronal].

No entanto, nestes exemplos, (14) e (16), contrariamente ao previsto no primeiro exemplo, (13), não se verifica qualquer motivação para a metátese no contexto do traço [+recuado] do ponto de articulação de [k] relativamente aos de [f] e [ʃ], cujos traços são respetivamente [-coronal] [+anterior] e [-anterior] [-recuado].

Relativamente à posição e acento na palavra, a metátese destes exemplos parece sugerir que este processo é condicionado pelo acento implicando inversão de segmentos que podem deslocar-se para diferentes posições no domínio da palavra. Essa proeminência prosódica resulta por (i) ser a sílaba do acento primário da palavra fonológica, como em (14), em que [k] se desloca para Ataque da sílaba tónica, ou (ii) ser a sílaba localizada no início da palavra fonológica, como em (15). Neste último, a vibrante do Ataque ramificado do formato CCVC desvia-se para Ataque ramificado da sílaba seguinte simplificando, assim, a complexidade da estrutura para CVC. Uma e outra situação dão à sílaba proeminência. Já em (16), o segmento [ʃ] permutando com [k] obriga-o a deslocar-se para início da palavra e junta-se à sílaba proeminente.

#### *9 - Conclusão*

A metátese é vista atualmente como processo fonológico intrinsecamente relacionado com a fonética, permitindo assim uma análise objetiva dos sons da fala.

Os pressupostos da OT, assentes na interação de princípios e de restrições organizadas hierarquicamente, vieram legitimar a metátese como processo fonológico até então considerado fenómeno marginal pelos formalismos lineares e não-lineares, incapazes de o descrever adequadamente.

A observação deste processo, através do sistema diacrónico da língua e da sua aquisição, parece contribuir para a sua caracterização e conseqüente reconhecimento, permitindo validá-lo como fenómeno presente no sistema sincrónico da língua.

São inúmeros os exemplos que têm atestado este fenómeno nas línguas do mundo, ressurgindo com impacto particular nos resultados de estudos levados a cabo por Blevins & Garrett, bem como pelas pesquisas efetuadas e coordenadas por Elizabeth Hume.

Em síntese, parece poder afirmar-se que a convergência de fatores percutuais e de ambigüidade, bem como, entre outros, de fraca frequência, motivam a metátese. Os dados observados sugerem que, enquanto processo fonético-fonológico, a metátese terá prevalência numa elocução informal e decorre de agentes estruturais da complexidade silábica,

nomeadamente no que se refere ao acento, à direcionalidade e às características segmentais e silábicas de uma língua particular.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, R. M. 2003. Fontes do Latim Vulgar. Revista Solettras (UERJ) 05 e 06 Ano III: 96-115. Disponível na Internet em <http://www.filologia.org.br/solettras/5e6/07.pdf>.
- Blevins, J.; Garrett, A. 2004. The evolution of metathesis. In: Hayes, B.; R. Kirchner; D. Steriade (Eds.). Phonetically Based Phonology. Cambridge: Cambridge University Press, 117-156.
- Bortolanza, J. 2005. A Diacronia na obra de Said Ali. IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia em Homenagem a Said Ali. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/02.htm>.
- Caetano, M. C. 2003. A Formação de Palavras na Gramática Histórica da Língua Portuguesa de Manuel Said Ali. Análise de algumas correlações sufixais. Disponível na internet em [http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/equipa/ceucaetano/caetano\\_tesedout.pdf](http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/equipa/ceucaetano/caetano_tesedout.pdf).
- Costa, T. 2010. *The Aquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Disponível na internet em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2010/2/ulsd058523\\_td\\_1\\_Costa\\_%282010%29.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2010/2/ulsd058523_td_1_Costa_%282010%29.pdf).
- Costa, L. T. 2011. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal do Paraná. Disponível na internet em <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25561/TESE%20-%20Abordagem%20Dinamica%20do%20Rotacismo%20-%20Luciane%20Trennephol%20da%20Costa%20-%20Copia.pdf?sequence=1>.
- Freitas, M. J.; Afonso, C. 2010. Consciência fonológica e desenvolvimento fonológico: o caso do constituinte Ataque em Português Europeu. In: Freitas, M. J.; Duarte, I.; Gonçalves, A. B. (2010). Avaliação da consciência linguística: aspetos fonológicos e sintáticos do Português. Lisboa: Edições Colibri, pp. 45-68. Disponível na internet em [http://www.clul.ul.pt/files/anagrama/Afonso\\_Freitas\\_2010.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/anagrama/Afonso_Freitas_2010.pdf).
- Freitas, M. J.; Frota, S.; Vigário, M.; Martins, F. 2005. *Efeitos prosódicos e efeitos de frequência no desenvolvimento silábico em PE*. Disponível na Internet em <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/frep/bef/FreitasFrotaVigarioMartinsAPL.pdf>.
- Freitas, M. J. 2001. Os pontos nos seus lugares: considerações sobre as laterais na aquisição do Português Europeu. In: Razões e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus. Departamento de Linguística Geral e Românica, FLUL.
- Freitas, M. J. 1997. *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- Freitas, M.M. de (2005). Metátese e hipértese em manuscritos do século XVIII. *In Filologia Linguística Portuguesa* 7: 119-128.
- Hernandorena, C. L. M.; Lamprecht, R. R. 2000. A hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do Português. Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN. Disponível na internet em [http://inforum.insite.com.br/arquivos/8920/anais\\_con2nac\\_tema160.pdf](http://inforum.insite.com.br/arquivos/8920/anais_con2nac_tema160.pdf).
- Hume, E. 1998. 2000. The Characterization of Metathesis in Phonological Theory. Disponível na internet em <http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis/theoretical.html>.
- Hume, E. 2001. Metathesis: Formal and Functional Considerations. In: Hume, E.; N. Smith; J. van de Weijer. Surface Syllable Structure and Segment Sequencing. Leiden: HIL. 1-25.

- Disponível na internet em <http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/metathesis/research.html>.
- Hume, E. 2002 Predicting metathesis: The ambiguity/attestation model. Mid-Continental Workshop on Phonology, Indiana University. Disponível na internet em [http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/papers/hume\\_metathesisS5.pdf](http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/papers/hume_metathesisS5.pdf).
- Hume, E. 2005. *Deconstructing markedness: A predictability-based approach*. In Ettliger, M.; N. Fleisher; Park-Doob, M. (eds). Proceedings of the 13th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society. 182-198.
- Hume, E.; Mailhot, F. 2011. The role of entropy and surprisal in phonologization and language change. In A. Yu (ed.). *Origins of Sound Patterns: Approaches to Phonologization*. Oxford University Press. Disponível na internet em [http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/papers/bh\\_fm\\_phonologization5-13-2011.pdf](http://www.ling.ohio-state.edu/~ehume/papers/bh_fm_phonologization5-13-2011.pdf).
- Lindsay, W. M. 1894. *The Latin Language*. Cambridge University Press, New York (2010). ISBN 978-1-108-01240-9.
- Matzenauer, C. L. 2009. A sílaba e a emergência de consoantes na aquisição da linguagem. Anais do 6º Encontro CELSUL. Disponível na internet em <http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Mesas%20Redondas/01.pdf>.
- Mateus, M. H. M. 2005. Estudando a melodia da fala - traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras: Revista da Associação de Professores de Português* 28: 79-98.
- Mielke, J.; Hume, E. 2001. Consequences of Word Recognition for Metathesis. In Hume, Smith & van de Weijer, 135-158.
- Nogueira, R. S. 1932. Subsídios para o estudo da metátese em português. In: Instituto Camões: Boletim de Filologia, Tomo I, pp. 33-40.
- Odden, D. 2005. Feature Theory. Theory Discussion, cap.6 (13 pp.). Extension of the book's coverage into theoretical area. *Introducing Phonology*. Disponível em <http://www.ling.ohio-state.edu/~odden/IntroducingPhonology/Theory%20Discussion.html>.
- Vasconcellos, J. L. 1886. *Evolução da Linguagem*. In *Opúsculos*. Volume I – Filologia (parte I). Coimbra: Imprensa da Universidade, série I, Trabalhos Doutrinários. Disponível na internet em <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/opusculos/vol01/opusculos01.html>.
- Veloso, J. 2003. *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Porto. Disponível na internet em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/35980>.
- Winters, S. (2001). Putting place in its place: Evaluating place perception in VCCV sequences. In Hume, E.; N.I. Smith; J. van de Weijer. *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden: HIL, 230-247
- Zimmer, M. C.; Alves, U. K. 2006. A produção de aspetos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão. *Linguagem & Ensino* 9(2): 101-143.